



COSTA, Maria Teresa. Sem ajuda dos amigos, situação seria trágica. Correio Popular, Campinas, 24 fev., 2003.

## 'Sem a ajuda dos amigos, situação seria trágica'

No barraco de dois cômodos na favela do Jardim Santa Mônica moram sete pessoas. Paulo Sérgio Nunes e a esposa, a irmã com o marido e dois bebês e sua mãe. Não fosse a parca aposentadoria que dona Marta recebe, a família não sabe como iria sobreviver. Paulo perdeu os movimentos das pernas de uma hora para outra, resultado de uma inflamação na medula que ele tratou mas que precisa de fisioterapia para se recuperar. Há um ano espera na fila. O cunhado tem conseguido poucos "bicos", a irmã está desempregada. Enfim, como diz o próprio Paulo, "só não é pior porque pobre produz anticorpos".

A situação não agrada nem

um pouco a família. Mestre de cozinha, camioneiro, e uma série de outras profissões das quais é capaz de exercer, Paulo conta que a doença o tirou de cena e o expôs a uma situação jamais pensada. "Eu não ganhava bem, mas dava para cuidar da família. Agora, se não fosse a ajuda que recebemos de amigos, seria trágico", conta. Para sua mãe, Marta, a cesta básica que um fotógrafo leva para eles todo mês é uma bênção divina.

A família precisa de emprego. E de muitas coisas mais: cadeira de banho decente para substituir o caixote onde Paulo se senta para tomar banho, berço de bebê, guarda-roupa.

Algumas quadras mais

abaixo, a situação que já não andava boa para André Luiz Souza Fiuza, que perdeu o emprego há um ano e vive de bicos, piorou quando a chuva desabou em Campinas e o córrego que passa bem atrás do barraco transbordou. A água fétida entrou pelo barraco, molhou e destruiu rádio, televisão, geladeira, armário. "A gente já não tem nada e o pouco que tem a chuva leva", lamenta a irmã e vizinha Sônia.

Ali não há rede de esgoto e os barracos improvisam manilhas dos banheiros até o córrego. Algumas manilhas nem chegam até a água e param um pouco antes, de forma que fezes e urina encharcam a beira do córrego. Quando inunda, como

aconteceu na semana, toda essa sujeira volta para dentro dos barracos. "A gente não fica doente porque Deus não quer", observa Francisco Maria Fiuza, arrumadeira, que se vira como pode para sobreviver. Ela procura diária de passadeira para os sábados, mas está difícil.

Os moradores devem começar um abaixo assinado para cobrar da Prefeitura a canalização do córrego e melhorias na favela. Eles recusam, no entanto, a transferência para a Vila Esperança, conjunto de moradias construído em frente ao Jardim São Marcos. O povo da favela acha a Vila Esperança muito violenta. Preferem continuar na beira do fétido córrego. (MTC)